

# DIVIDINDO O MUNDO: O SOM E O ESPAÇO NA TRANSIÇÃO CULTURAL\*

Alessandro Portelli\*\*

*Tradução: Helen Hughes e Yara Khoury\*\*\**

## *Os sons*

De acordo com Roman Jakobson e Morris Halle, as escalas musicais e as estruturas fonológicas são dispositivos usados pela cultura para moldar a natureza, impondo regras de distinção no *continuum* natural do som. Roland Barthes também descreve a articulação e o significado lingüístico como atos de “recortar” as “massas amorfas” da matéria contínua. Tornar *continua* em *discreta* parece ser uma operação básica da linguagem e da cultura.<sup>1</sup>

Existe, porém, mais de um conjunto de regras pelas quais o mundo natural pode ser dividido em segmentos e grades culturalmente significativos. Quando diferentes sistemas de divisão se encontram, colidem, ou se sobrepõem, ocorrem crises – sobretudo se o encontro não acontece numa base de igualdade. Neste capítulo, tentarei explorar como regras contraditórias e mutáveis nas divisões de som e espaço tem afetado a cultura popular e da classe trabalhadora, dentro de um contexto especificamente industrial e urbano.

## Música

Ao descrever um espetáculo gravado de Amerigo Matteucci, um cantor popular de Polino, uma aldeia das colinas perto de Terni, Giovanna Marini mostra que o cantor fica fora de quaisquer sistema e padrão rítmico harmônico-modal existente, até que o acompanhamento de violão (tocado por um músico popular urbano) “o amarra” à escala cromática

e a um padrão 4/4. A música tradicional na região de Terni é geralmente canto desacompanhado, influenciado por escalas modais arcaicas e pelos estilos de gaita de fole das vizinhas Abruzzi e Sabina. A voz e a gaita de fole (como a antiga rabeça) são instrumentos musicais “contínuos”, que podem gerar a progressão de sons melhor do que os intervalos distintos de uma escala musical. Assim, possibilitam a preservação de modos arcaicos e uma grande variedade de entonações “glissando”, aproximando a notas agudas e a intervalos não canônicos.<sup>2</sup>

O aparecimento do rádio e da música gravada e a introdução de instrumentos de entonação fixa, produzidos industrialmente (tal como o pequeno *organetto*, parecido com a sanfona, que substituiu a gaita de fole em quase toda a região central e sul da Itália), impõem escalas modernas e padrões rítmicos estáveis. No *organetto* – que foi descrito como o “instrumento rural da era industrial” –, as notas são determinadas mecanicamente e colocadas numa escala de categoria diferente; os intervalos tradicionais não padronizados não podem ser executados. Não obstante, o *organetto* também tem uma nota baixa contínua que pode ser usada para acompanhar canções nos modos antigos. Ignorando a entonação fixa do *organetto*, a voz se move livremente entre os tons e semitons da escala diatônica. Muitas apresentações de cantores tradicionais acompanhados pelo *organetto* são disputas pelo domínio entre diferentes sistemas culturais – até mesmo quando o canto e a execução são feitos pelo mesmo indivíduo.<sup>3</sup>

Esses sistemas culturais, porém, não têm o mesmo prestígio e poder. Seu encontro pode resultar numa fascinante “diversidade”, comparável ao *blue note* afro-americano (que é o resultado de uma justaposição de culturas); mais frequentemente, porém, resulta em simples heterofonia, assimilação total, ou silêncio. Entretanto, até mesmo quando tentam cantar músicas populares modernas, cantores tradicionais ainda revelam sua história cultural no seu estilo de cantar. A resistência da cultura “vernacular” à assimilação se expressa num dos seus elementos menos conscientes (e mais arraigados) – a voz humana – e se revela pelo uso rural “diferente” de um artefato industrial, o *organetto*.

## A fala

O poema “Il Partigiano” (“O Partisano”) foi encontrado entre os papéis de Dante Bartolini, cantor, poeta e contador de histórias de Castel di Lago, perto de Terni. A primeira estrofe diz (foram acrescentados números de linhas e simplificada a pontuação):

1. *Cari lettori mi perdonerete*
2. *se qualche sbaglio lo vinissi a fare*
3. *che poca scuola o fatto lo sapete*
4. *ecco perché mi venco a lamentare.*
5. *La colpa chi la há lo identerete*
6. *quelli che ci fan sembre tribolare*
7. *notte e giorno a tutte quante l'ore*
8. *per colpa di chi è sembre traditore.*

[Caros leitores, perdoem-me/ se cometo erros. /Vocês sabem que tenho pouca escolariedade, /e é por isto que me queixo. /Vocês sabem quem é culpado: /aqueles que sempre nos traem / e nos fazem sofrer /cada hora, noite e dia.]

Um problema espinhoso na história oral é a transcrição da fala (especialmente a fala não padronizada) para a escrita. A transcrição não pode evitar a obliteração de marcas significativas regionais, de classe ou de identidade e estória pessoal. Portanto, é interessante ver como os próprios entrevistados lidam com o problema, e esse poema é um bom ponto de partida. O problema de ter “pouca escolariedade” era um tema recorrente na poesia e na fala de Dante Bartolini, que permaneceu imerso na cultura oral enquanto aspirava ao domínio de formas escritas e tentava imitar os modelos poéticos que havia aprendido na escola primária. Assim, seu poema é dirigido a “leitores” e provavelmente foi laboriosamente composto enquanto estava sentado à mesa da cozinha. Por outro lado, expressa-se na *ottava rima* (estrofe de oito linhas), que, embora derivada da poesia literária, é usada na cultura folclórica da Itália central, nos cantos públicos improvisados, mais propriamente do que na leitura e na escrita privada. Isso se reflete no fato de que cada linha, como de costume acontece na composição oral, é uma unidade semântica precisa. Talvez Bartolini tenha pensado cada linha mentalmente antes de colocá-la no papel. Ao escrever seu poema, ele, portanto, confrontou-se com algumas das mesmas dificuldades que eu tive ao transcrever suas entrevistas.

O texto escrito de Bartolini diverge, em vários pontos, da ortografia padronizada. Alguns erros são gramaticais, sem implicações fonéticas resultantes da dificuldade comum do uso de acentos ou da letra *h* nos verbos auxiliares (*o* em vez de *ho* ou *ò*; *hà* em vez de *ha* ou *à*). Em italiano, porém, a maioria das diferenças de ortografia implicam diferenças fonéticas, e por essa razão o padrão de erros revela alguns de seus problemas a respeito de sons. O padrão mais relevante é o seguinte:

| <i>Linha</i> | <i>Bartolini</i> | <i>Padrão</i> | <i>Tradução</i> |
|--------------|------------------|---------------|-----------------|
| 4            | venco            | vengo         | venho           |
| 5            | indenterete      | intenderete   | você entenderá  |
| 6,8          | sembre           | sempre        | sempre          |

Em muitas variedades da língua italiana do centro e do sul, o contraste entre pausas verbalizadas e não verbalizadas (o que acontece com a maioria das línguas românticas) é neutralizado após uma consoante nasal: é impossível contrastar um par mínimo tal como, digamos, *quanto* [“how much”] versus *quando* [“when”].<sup>4</sup> Geralmente, essa confusão não é crucial: variedades não padronizadas que carecem do nasal + o conjunto de pausas não verbalizadas geralmente recriam a distinção assimilando grupos como /mb/ ou /nd/ como /mm/ e /nn/:

*Italiano central*

| <i>Padrão</i> | <i>Vernáculo</i> | <i>Tradução</i> |
|---------------|------------------|-----------------|
| quando        | quanno           | quando          |
| quanto        | quando           | quanto          |

No processo de mudança cultural, pessoas que falam o vernáculo aprendem na escola, ou pelos meios de comunicação, que o italiano padrão possui tanto os grupos entre consoantes nasais e pausas não verbalizadas que não existem no vernáculo (*quanto*), quanto a pausa de voz nasal + (*quando*) que lhes é familiar. Não há, porém, regras concretas para discernir se uma palavra que inclui este último é a forma padrão correta ou algo que vem do uso do vernáculo (e portanto “errado”). Onde não tiveram problemas em discriminar entre *quanno* e *quando*, agora se confrontam com uma forma – *quando* – que é tanto italiano padronizado para “quando” quanto o vernáculo para “quanto”. Todas as palavras com *nt*, *nd*, *nc*, *ng*, *mb*, *mp* (e às vezes *nn*, *mm*) levantam o mesmo problema. A única coisa que os locutores sabem com certeza é que sua antiga maneira de falar está errada; a perda do refúgio confortável da fala no vernáculo não é compensada pelo domínio completo de formas padronizadas. Especialmente em situações em que sentem que devem provar que têm cultura (tal como ao escrever um poema ou dar uma entrevista), muitas pessoas expressam na incerteza de sua fala uma profunda incerteza sobre seu próprio preparo cultural.

A tensão em Terni é aumentada pelo fato de o dialeto local ser ainda menos convencional do que o das outras cidades. Terni teve uma história relativamente obscura antes da industrialização, portanto, nunca desenvolveu uma elite educada que falasse em dialeto. Por outro lado, todo o quadro técnico, assim como grande parte do quadro político que

apareceu depois da fundação das siderurgias, em 1885, veio de fora e falava com outros sotaques. A poesia e o dialeto em vernáculo são, decerto, ainda muito ativos e apreciados; expressam, porém, uma reação mais defensiva do que uma adaptação à modernização e, de fato, existe uma grande distância entre esse dialeto sublitterário escrito e a fala efetiva da maioria da população. O dialeto, portanto, carrega uma conotação de classe e subordinação geográfica ainda mais forte do que o habitual. Um escritor, num jornal da juventude fascista, queixou-se, em 1943, de que “O nosso dialeto não tem o estilo precioso de Siena, nem a doçura de Veneza, nem a dignidade aristocrática de Piedmont. É tosco, inferior, cheio de distorções fonéticas”.<sup>5</sup> É assim que a autocondenação se constrói na linguagem. O grupo nasal/pausa torna-se um ponto crítico, onde os narradores (e os que transcrevem) se confrontam com um jogo de estratégias diversificadas. O que torna o poema de Bartolini interessante é que ele usa todas essas estratégias num só contexto. Examinemos as estratégias existentes confrontando-as com seus usos no poema.

1. *Preservando a pronúncia do vernáculo* (linhas 6 e 8: “*sembre*”). O vernáculo correto é usado sobretudo por indivíduos que não precisam provar seu *status*, porque não o têm (caso que encontrei mais freqüentemente em Terni), ou porque seu *status* é assegurado de outra maneira.

2. *Hipercorretismo* (linha 4: “*venco*”). Invertendo a regra do vernáculo, todas as consoantes nasais são seguidas por pausas não verbalizadas, mesmo em palavras nas quais pausas verbalizadas seriam exigidas pela forma padrão. Essa prática se encontra geralmente em grupos conscientes de *status* e em mobilidade ou em indivíduos com “pouca escolaridade” em cargos de autoridade. Encontrei muitos exemplos em relatórios policiais, assim como na fala e na escrita de funcionários de governos locais e de sindicatos.

3. *Ofuscando a diferença* (linha 5: “*indenterete*”). Essa estratégia é a mais dramática, pois revela que o locutor tem medo de se comprometer. Consegue-se isso de duas maneiras:

a. Usando as duas ortografias e sons alternadamente, como se não fossem lingüisticamente relativos. Isso pode ser a função da inversão dos dois grupos neste exemplo. Em várias entrevistas, o italiano padrão *andiamo* (“vamos”) é apresentado foneticamente pelo mesmo locutor e no mesmo contexto, mas de várias maneiras diferentes – *annàmo*, *anniàmo*, *antiàmo*, *andjàmo* –, como se ele estivesse sondando para ver qual o uso que encontra a reação mais favorável.

b. Ofuscando o próprio som. Na estrofe nº 10 do mesmo poema, Bartolini rima *conto* (“conto”) com *mondo* (“mundo”). Para ele, aparentemente, o contraste não existe e as duas palavras são em verdade pronunciadas como se rimassem. O ofuscamento do som também poderia ser parte da razão de quase todas as ortografias inconsistentes ou invertidas.

A pluralidade de estratégias em contextos muito curtos mostra que o fator incontestável é a incerteza.<sup>6</sup> Quando pessoas da classe trabalhadora ofuscam o contraste entre *nt* e *nd*, ao emitir um som colocado em algum ponto no *continuum* teoricamente vazio que separa um *t* cheio de um *d* cheio, elas tentam – consciente ou inconscientemente – escapar das conseqüências problemáticas a partir da sobreposição de dois conjuntos de regras na divisão de sons. Ao não encontrar uma regra para a difusão do padrão italiano de fonemas, elas a eliminam. O resultado é parecido com sons não canônicos de cantores que não estão acostumados com a escala diatônica; mas, nesse caso, o ofuscamento é consciente e, portanto, muito mais tenso.

O som resultante que emitem, “vago, meia voz”<sup>7</sup> é uma boa metáfora de uma condição cultural. A versão vaga é obtida contendo a energia, como se o locutor estivesse tentando se tornar invisível. O som hesitante, murmurado, balbuciado (especialmente numa língua como a italiana, que não contém o som de *shwa*) fica a um passo do silêncio. O sentimento de ter perdido um idioma sem ter dominado outro, com a conseqüente perda de uma presença social significativa, é expresso muitas vezes pelos entrevistados. Num dialeto antigo, perfeito, Elchide Trippa disse que “falaria menos e diria mais” se pudesse conduzir a entrevista inteira em dialeto puro. Bruno Zenoni, em outro contexto, formula o problema em termos de privação política e cultural:

*Antes não tínhamos intelectuais no partido [comunista]. Portanto, não se fazia como agora. Durante reuniões com trabalhadores eles dão risada e gozam você se um camarada fala uma palavra errada ou não sabe o que significa. Quando isto acontece – você sabe, não estamos nessa pelo dinheiro, por uma carreira – você simplesmente se entrega e fica quieto. Os líderes não se preocupavam com a apropriação da linguagem; hoje em dia eles ... Você sabe, eu sou voluntário, portanto simplesmente me calo e vou para casa.*

*Propriedade* (*propriety*) e *propriedade* (*property*) em italiano são a mesma palavra.<sup>8</sup> A linguagem é uma das formas de propriedade com a qual os historiadores sociais deveriam se preocupar. Historiadores orais, particularmente, só fazem a metade do seu trabalho se se concentram no *que* as pessoas dizem e ignoram *como* as dizem – a forma narrativa, a forma sonora da narrativa. Uma consoante pronunciada desarticuladamente, e a meia voz, pode conter informação que uma estória detalhada de vida pode não revelar explicitamente.

## O espaço

### Espaço urbano

**RICCARDO DE CESARIS:** *A área da cidade onde eu moro é um pouco estranha, pois é a periferia de dois bairros diferentes – Le Grazie [classe trabalhadora] e Città Giardino [classe média]. E, ao redor, a zona rural, que teve uma grande influência sobre mim durante meu crescimento. Quero dizer, estava bem perto dos lugares onde os jovens se reúnem, a escola e tudo mais e, ao mesmo tempo, tinha a oportunidade de estar em contato com os antigos rituais da colheita, do plantio, da estação da vindima, diretamente com essas gerações de famílias rurais que eram nossas vizinhas. Sabe, as pessoas que realmente viviam só da agricultura; e elas tinham todo um ritual, mediam o tempo de suas vidas de outra forma, o dia era composto por relações diferentes. Isso me permitia ficar em contato com as duas culturas dominantes de Terni, a cultura dominante industrial e a camponesa também, que hoje estão bastante misturadas, embora eu lembre que há dez, onze anos atrás eram bastante distantes uma da outra. E logo, a duzentos metros para o sul, o Quartiere Giordano – o povo de colarinho branco. Quero dizer, três realidades num raio de trezentos metros um do outro.*

O espaço rural e urbano de Terni formam um frágil *continuum*, mais do que uma diferença nítida. A indústria não foi algo que cresceu espontaneamente na localidade, mas foi trazida de fora e como por “atacado”. Por muitas décadas, as novas fábricas e os bairros industriais cresceram fora dos muros da cidade enquanto os aldeões locais ainda iam trabalhar nas roças dos arredores. Por outro lado, uma grande parte da classe trabalhadora era composta de imigrantes rurais ou de pessoas que moravam nas aldeias vizinhas e chegavam diariamente para trabalhar.

Enquanto a imigração e o deslocamento das aldeias vizinhas criavam redes complexas de parentesco entre a cidade e a zona rural, trabalhadores industriais urbanos eram influenciados de várias formas pelo ambiente rural. Aprenderam com seus companheiros rurais como plantar pomares para complementar sua renda. Também aproveitavam a área rural para fazer caminhadas, piqueniques e para caçar, e durante a guerra se deslocaram em massa para as montanhas como refugiados ou partisanos. Enquanto manifestavam hostilidade para com os trabalhadores “rurais” das fábricas, a quem acusavam de concorrência desigual nos empregos e de incompetência política e profissional, os trabalhadores industriais também aprendiam com eles formas de sociabilidade no local de trabalho e usos alternativos do tempo que ajudaram a resistir à hegemonia da ideologia industrial. O *continuum* geográfico entre a cidade e a zona rural criou divisões econômicas e ideológicas nos diversos grupos de trabalhadores; ao mesmo tempo em que, através dessas divisões, eles partilhavam um *continuum* cultural não reconhecido.

Enquanto a cidade e a zona rural mantinham essa intensa comunicação, as fronteiras cresciam no interior do próprio espaço urbano. Talvez a mais crucial tenha sido a linha invisível que separava as partes mais antigas e mais pobres da cidade das novas áreas de classe média inauguradas após os anos 1870. Essa linha passava pela esquina onde Corso Tacito (a “nova” rua principal, inaugurada nos anos 1870) encontra a Piazza del Popolo (a praça da prefeitura, tradicionalmente conhecida como “A Praça do Povo”). Alguns dos eventos mais dramáticos na história de Terni aconteceram ali: desde a morte de cinco trabalhadores pela polícia, em 1920, às barricadas depois das demissões de trabalhadores, em 1953. “*Esse ponto era como o centro nevrálgico; era a divisória entre a burguesia e o proletariado*”, disse Arnaldo Lippi.

A evolução de rituais populares marca o reconhecimento e a conseqüente nebulosidade dessa fronteira geográfica de classe. Lippi lembra que esse “era o lugar da *merancolata*. Nesse ritual carnavalesco, assim chamado por causa da *merancola*, um híbrido entre a laranja e o limão, duro como uma pedra, grupos de jovens da classe trabalhadora se encontravam de um lado da praça e os jovens de classe média do outro, arremessando *merancola* uns nos outros: “*Era nítido, preciso, um corte nítido: deste lado estávamos nós, do outro todos aqueles...*” disse Lippi. O ritual refletia uma percepção de Terni como sendo separada por cortes de acordo com linhas de classe, representando um espaço urbano distinto, atravessado por uma barreira ideal. “*Quero dizer, dividida por classe! Não esqueça que é ali que ficava o Circolo dei Signori [o Clube dos Senhores] – o clube dos senhores, você acredita?*” perguntou Lippi.

A *merancolata* durou até os anos 1940, quando, então, foi sendo aos poucos substituída por outro ritual, o *Cantamaggio*. Este, originalmente, era um ritual festivo rural, que a pequena burguesia local reviveu na virada do século como um símbolo de sua identidade, que estava sendo ameaçada pela industrialização. Logo começou a gravitar em direção à cidade e, durante o período fascista, foi apropriado pelas autoridades. Tornou-se uma representação da nova identidade da cidade, das raízes rurais ao presente industrial, na forma de um desfile de carros alegóricos e de um festival de canto vernáculo. O ritual hoje culmina, a cada Dia do Trabalhador (1º de maio), na transposição simbólica da antiga fronteira, na presença das autoridades. A divisão de classe da *merancolata* é dessa maneira substituída pela continuidade do espaço urbano, representando o *continuum* de uma cidadania fluída, em vez de uma distinção entre classes sociais conflitantes.

Essa mudança de classe, para a cidadania pode ser vista tanto como uma perda de identidade de classe quanto um sinal de mobilidade social. Comparemos as formas como dois antigos trabalhadores de fábrica de diferentes gerações descrevem as mudanças que aconteceram entre os anos 1950 e 1960.



BRUNO ZENONI: *Os trabalhadores foram expulsos do centro da cidade. Antigamente a praça [da prefeitura, ou do “povo”] ficava lotada por eles, vestindo seus macacões, todas as manhãs. Sentiam-se orgulhosos, e não envergonhados, de seus macacões. Quando os novos projetos habitacionais foram construídos na periferia, os trabalhadores foram expulsos do centro. Não moram mais lá.*

MARIO VELLA: *As gerações que me antecederam, passeavam na praça – [proclamando] “Eu trabalho na siderurgia”. Essa gente saía vestindo seus macacões, às vezes com uma blusa colorida embaixo, mas o macacão por cima, porque se sentiam enraizados, sua essência estava enraizada, seu próprio ser, na fábrica. A minha geração - você não vai nos encontrar, na rua, nos mostrando – [dizendo] “Eu sou empregado da siderurgia”. Não, eu sou uma pessoa, e não quero que a fábrica me domine, que me atormente o tempo todo.*

Embora diferentes, as duas narrativas revelam como a extinção de uma barreira visível – como o espaço urbano ou um estilo de vestimenta – resultou na criação de outras, mais sutis. A antiga separação de classe do espaço urbano havia resultado em bairros homogêneos, muitas vezes vilas operárias pertencentes a firmas, cujos residentes pertenciam à mesma classe e trabalhavam para o mesmo empregador. Quando as barreiras de classe foram abaixadas, a cidade como um todo se tornou mais indiferenciável, mas os próprios bairros se tornaram mais divididos internamente. As crianças da classe trabalhadora frequentaram a escola e foram se elevando a um *status* mais alto ou tendo aspirações mais altas do que seus pais; e famílias de classe média e da pequena burguesia foram atraídas pelos baixos aluguéis. A classe trabalhadora, expulsa do centro da cidade, misturou-se com outros grupos sociais nos subúrbios. Trabalhadores aposentados idosos, que viviam no centro, sempre se queixam do anonimato e da heterogeneidade de seu novo ambiente. As novas áreas e até os projetos de habitação se tornaram muito melhores do que os velhos ambientes deteriorados, mas a classe trabalhadora já não goza mais de “um lugar próprio”.

Por outro lado, as gerações mais novas sentiram que estavam recuperando o direito de ficar no centro da cidade, de uma nova maneira. Quando os jovens trabalhadores trocaram os macacões por ternos e gravatas, andavam pelas ruas das cidades como cidadãos e em pé de igualdade com os gerentes, de quem recebiam ordens no trabalho. A presença da classe trabalhadora não podia ser identificada porque as discriminações visíveis tinham sido abolidas.

Em termos de nossa análise, isso significa que o que antes era um *continuum* espacial entre a fábrica e a cidade foi substituído por algo diferente, ao mesmo tempo em que classes distintas agora apareciam como o *continuum* de uma cidadania democrática, que já não estendia a hierarquia do local de trabalho a códigos de deferência social. Entretanto,

como Vella descreve com muita lucidez, a democratização do espaço urbano gerada pela nova distinção entre cidade e fábrica foi compensada pelo estreitamento das fronteiras de classe no local de trabalho. “*Certos limites*”, disse Vella, referindo-se àqueles entre trabalhadores e gerentes, tinham sido toleráveis “*parcialmente porque a distinção de classe continuava fora da fábrica*”. Os trabalhadores de macacão mostravam sentirem-se orgulhosos de sua identidade, mas também reconheciam um *status* hierárquico que satisfazia aqueles membros da classe dominante que precisavam ser reconhecidos, como explica Vella, mostrando seu *status* “*destratando alguém*” publicamente. Mas quando os trabalhadores começaram a vestir ternos e gravatas e a frequentar os mesmos cafés, os gerentes se ressentiram. “*Veja bem, não estou dizendo que os trabalhadores ganharam alguma coisa; o que estou dizendo é que os chefes perderam alguma coisa. E eles se vingavam quando você estava novamente dentro dos portões*”, tanto é assim que “*quando eu entra-va pelos portões [eles me faziam sentir] potencialmente indefeso*”.

A homogeneização social na esfera do consumo, um símbolo dos direitos iguais de cidadãos democráticos, permitiu à geração de Vella (a primeira a se criar durante a democracia) se representar em termos que não fossem de classe. Mas as fronteiras de classe, removidas do espaço visível da rua, eram afirmadas no mundo fechado além dos portões. Assim, tal como no padrão de espaço urbano de vivência, uma homogeneidade social aparente *entre* as classes visava criar uma nova fronteira *dentro* da classe trabalhadora – separando o trabalhador individual do conjunto da classe. Trabalhadores individuais eram libertados das restrições de identidade da classe, mas não podiam se apoiar, tanto quanto antes, na força coletiva da classe e em sua organização. Libertados e sós, sua autonomia externa e seu desamparo ou abandono interno resultavam de um único processo de mudança.

### Metáforas do espaço: família e classe

A erosão dos códigos de classe em estilos de vida foi parte de uma importante melhora nos padrões de vida e de igualdade social que ocorreram especialmente entre o fim dos anos 1950 e o começo dos 1960. Causou, no entanto, uma onerosa confusão.

Por um lado, os avanços determinados pela assim chamada “explosão do pós-guerra” da economia nacional coincidiram, localmente, com uma crise de emprego industrial e do poder sindical dentro da fábrica e, assim, o crescimento nacional e a crise local emitiam mensagens contraditórias à classe trabalhadora local. Um sentido, porém, era compartilhado em todas as mensagens: reduziavam a centralidade da identidade da classe trabalhadora, na medida em que o consumo foi se tornando tão importante quanto a produção, e o sistema industrial de Terni foi sendo fragmentado e reduzido.

Visto que a igualdade tomou a forma de assimilação, a própria força da classe trabalhadora organizada, ao ajudar a construir a igualdade, ajudou a desgastar a identidade. Em Terni, como em outras partes da Itália, onde a esquerda conservava uma organização forte e mantinha poder local, sindicatos, partidos e a administração local se tornaram canais de mobilidade social, cooptando indivíduos da classe trabalhadora em posições de liderança e em papéis intelectuais.<sup>9</sup> Esses indivíduos superaram a classe trabalhadora enquanto a representavam. A divisão aconteceu, não só entre os líderes e os “soldados rasos”, entre os administradores locais e ativistas partidários, mas também entre os indivíduos envolvidos nesse processo. Enquanto sua fidelidade política – na realidade, sua vida profissional – pertencia à classe trabalhadora, seu estilo de vida, seus deveres de colarinho branco e seu poder limitado, mas real, colocavam-nos no âmbito da classe média. O preço disso, para muitos deles, é uma crise séria de identidade e de imagem.

Começando nos anos 1970, a distinção entre trabalho manual e intelectual tornou-se mais confusa também no local de trabalho, quando o contrato nacional do aço criou uma hierarquia unificada de carreira para trabalhadores de macacão e para os de colarinho branco, abolindo assim a divisão histórica dentro da força de trabalho. Indivíduos agora podiam se movimentar no *continuum* do trabalho entre a oficina e o escritório, entre o macacão e o colarinho branco. Mais uma vez, a remoção das barreiras externas causou barreiras internas. Conforme os trabalhadores dos escritórios iam se sindicalizando, o antagonismo entre os trabalhadores de macacão sindicalizados e os empregados de colarinho branco, que antes eram contra o sindicato, iam sendo substituídos por divisões no interior do sindicato, e entre grupos com diferentes perspectivas e interesses. O que antes era um forte conflito entre “*companheiros*” e “*fura-greves*” tornou-se uma contradição penosa entre os “*companheiros*”.

A distinção entre a classe trabalhadora e a classe média em Terni complicou-se pelas conseqüências das demissões de 1953. Enquanto muitos daqueles que foram demitidos sofreram um severo rebaixamento (incluindo migração e desemprego permanente), vários ex-trabalhadores de fábrica usaram seu salário de compensação para montar pequenas empresas. Muitos falharam, por causa da inexperiência; mas outros prosperaram no crescimento subsequente dos anos 1960. “*Houve uma reunião do Partido [Comunista] outro dia para discutir nossa política para as classes médias; e eu consegui reconhecer fisicamente que muitos dos que participaram – comerciantes e pequenos empresários – haviam sido trabalhadores de fábrica que haviam sido demitidos em 1953*” (Ambrogio Filipponi, 1979).

A sobrevivência econômica, e mesmo o sucesso, não afastaram esses indivíduos de suas raízes de classe e da sua lealdade política. Alfredo Vecchioni, dono de várias lojas e

de um supermercado, ainda estava ressentido e nostálgico nos anos 1980, por ter perdido seu emprego na fábrica vinte e cinco anos antes e, automaticamente, auto-representou-se, não como um comerciante, mas como “*um dos trabalhadores demitidos em 1953*”.

Embora nunca tenham se considerado pertencentes à classe média, esses indivíduos não fazem mais integralmente parte da classe trabalhadora. “*Nunca havia muito contato entre trabalhadores e os novos setores da burguesia, ex-trabalhadores que se tornaram chefes. Talvez morem no mesmo prédio, saiam para caçar juntos; mas o problema é mais profundo. Socialmente, culturalmente, nunca existiu um intercâmbio real*” (Luigi Castelli).

Trabalhadores de oficina que se tornaram ajudantes de escritório ou técnicos com um novo contrato; pessoas que constituíam núcleos do partido, do sindicato ou do governo local e foram removidas das oficinas para cargos administrativos; comerciantes e empresários que faziam parte dos trabalhadores demitidos em 1953 – esses grupos são os mais numerosos componentes de uma camada de pessoas que não é mais de trabalhadores manuais, ainda não são cidadãos da classe média, indivíduos meio nostálgicos e meio lutadores situados pouco à vontade entre as classes, como os sons intermediários entre o *t* e o *d* que quase certamente expressarão em entrevistas.

Poderíamos acrescentar um outro grupo, que tinha maior visibilidade na época em que essas entrevistas foram coletadas: trabalhadores industriais casados com mulheres em empregos de colarinho branco, tais como professoras, assistentes sociais e enfermeiras. O ofuscamento das fronteiras de classe resultou na diminuição da homogeneidade de classe da unidade familiar. Até duas ou três gerações atrás, era considerado certo que os filhos dos trabalhadores seguiriam os passos dos pais. De fato, a siderurgia, até os anos 1960, tinha uma política de, ao se aposentar um trabalhador, dar emprego a um dos seus filhos. “*Eu sou a terceira geração na fábrica. Meu avô dirigia os bois quando estavam cavando os alicerces. Meu pai trabalhou lá, e eu também*” (Settimio Piemonti).

Isso, porém, mudou radicalmente com a geração dos anos 1960:

*GIORGIO RICCI: Nasci em Terni. Em Terni existem umas quinze ou vinte fábricas; e para oitenta por cento da população aqui, um emprego na siderurgia é motivo para dar uma festa e abrir uma garrafa de champanhe. Isso, eu não podia aceitar.*

*SANDRO PORRAZZINI: O sonho do meu pai sempre foi que eu me tornasse homem e me estabelecesse num emprego na siderurgia. Hoje (1982), falo com pessoas de mais idade no trabalho, e quase nenhuma delas – sejam trabalhadores da oficina ou do escritório – têm filhos que pretendem trabalhar lá.*

Essa mudança de expectativas traz implicações de classe na assintonia entre as gerações; essas linhas de classe e *status* que permeiam hoje as famílias têm na educação o fator

mais importante. Se, por um lado, não encontrei nenhum caso em que isso tenha interferido abertamente nos laços afetivos, os filhos que estão subindo na escala social sentem que seus pais não são capazes de compartilhar seu conhecimento e suas experiências, o que resulta num paternalismo invertido:

DONATELLA MONTINI: *Meus pais me mandaram para uma escola secundária clássica. Típico: você não manda sua filha para um curso normal ou para um curso profissionalizante e depois para um emprego. Você quer que ela prospere. E agora, é claro, eu não posso falar com eles sobre meus interesses – como estruturalismo ou qualquer outra coisa. Eu sei que não tiveram as mesmas experiências, e eu não me relaciono com eles neste nível. É um pouco paternalista. Mas não há porque falar destas coisas com eles... “Você não está vestida corretamente”, ou algo parecido. Eu sei quem eles são, os aceito como tal.*

As diferenças entre os estilos de vida dos filhos e o que herdaram dos pais podem se tornar metáforas para padrões mais amplos de conflito cultural:

ALDO GALEAZZI: *Meu irmão e eu construímos esta casa com as próprias mãos, com pá e picareta. Foi destruída durante a guerra [e] a erguemos de novo. E agora meus filhos a desprezam. Minha filha disse: “Você quer que eu more em uma casa como esta? É isto que você ganhou depois de tudo o que você trabalhou?” Quero dizer, é como o que Khrushchev fez com Stalin. Se não tivéssemos construído a casa, ela não teria nada. Pelo contrário, ela vive há anos sem pagar aluguel. Entende o que quero dizer? Como o que Khrushchev fez com Stalin.*

O stalinismo, de fato, muitas vezes era uma reação ao ofuscamento da distinção entre “eles” e “nós”. A política de “compromisso histórico” do Partido Comunista dos anos 1970 (quando tentaram, em vão, uma aliança com os democrata-cristãos) muitas vezes era representada pela imagem de se tentar atravessar um rio sem sucesso; uma metáfora de “estar no meio” que persistiu quando o compromisso histórico foi substituído por uma “terceira via” independente (nem capitalismo nem socialismo soviético) e que culminou nas recentes mudanças de nome do partido. De certa forma, o perpétuo vagar do Partido Comunista em águas turbulentas – perdendo o contato com a margem familiar sem conseguir firmar o pé do outro lado, ou seja, entre Leste e Oeste, entre oposição de classe e unidade nacional ou entre socialismo e capitalismo “melhorado” – é tanto um reflexo quanto uma causa do incômodo “estar no meio” da classe que costumava representar. Fica-se tentado a dizer que, nos últimos quinze ou vinte anos, o discurso do Partido Comunista muitas vezes tem tido uma ressonância vaga e não totalmente verbalizada.

## Metáforas do espaço: cultura consumista

MARIO CONTI: *Deveríamos ter em mente os comerciais da TV [dos anos 1950] do jovem executivo em seu veleiro ou em seu avião particular, e a mulher apaixonada aguardando diante da lareira... Nós todos naquela época sempre apostávamos na loteria esportiva e ainda o fazemos; comprávamos centenas de bilhetes de loteria, porque todos queríamos aqueles cem, duzentos milhões, para poder comprar um veleiro e mais, para conseguir aquela mulher apaixonada... Era um consumismo que nos era imposto pelos chefes e pelo governo. Construíam estradas e igrejas e os sindicatos eram fracos demais para lutar por um uso diferente da riqueza social, por uma sociedade diferente.*

Para esse trabalhador de fábrica, socialista, os níveis de vida mais altos conseguidos durante as últimas décadas são, pelo menos na sua forma atual, uma consequência tanto das fraquezas quanto da força da classe trabalhadora. A mudança é determinada por forças sobre as quais os trabalhadores têm pouco controle, e sua única opção é aceitar os produtos resultantes disso. Assim, ele não moraliza: sabe que o que o sistema oferece é desejável e “bom” – se não fosse, não poderia produzir os resultados que apresenta. Estilos de consumo são tanto recompensas, quanto símbolos da mobilidade social. Mas, por serem sinais, também podem se separar de seus referentes e serem usados para substituir fatos sociais, em vez de representá-los. Enquanto as tensões geradas no desenrolar da mobilidade social só dizem respeito a uma parte limitada da classe trabalhadora, as tensões do consumismo têm um impacto sobre toda a população, incluindo aqueles cuja mobilidade é zero.

Isso ajuda a explicar o porquê de uma dissonância “excessiva” encontrada muitas vezes no estilo de vida da classe trabalhadora. A “alastrante extravagância rococó, altamente ornamentada”, a “abundância de quinquilharias” descritas por Richard Hoggart nos lares da classe trabalhadora britânica podem ser encontradas também nas *salas* das casas da classe trabalhadora de Terni,<sup>10</sup> revelando uma ansiosa, superzelosa imitação de códigos já obsoletos, dos quais não se apropriam inteiramente:

DONATELLA MONTINI: *Quando nos mudamos para a cidade, nos encontramos cercados pela classe média – ela andava no andar acima de nosso teto, morava na porta ao lado. E eles tinham códigos que eram muito claros, mas não para nós. Suas casas sempre estavam arrumadas, as nossas... Meu Deus, o que fazer se alguém toca a campainha? A casa está desarrumada, as louças estão na pia... Sempre a imagem dos vizinhos, com tudo arrumado e limpo.*

MARIO VELLA: *Você comenta sobre a nossa compra de um lustre com pingentes de cristal. Ah, tem tudo a ver com minha mãe e com o dia em que jogamos fora o lustre velho, aquele prato de lata pendurado do teto por um arame, com a lâmpada por baixo. Hoje em dia as pessoas os colocam nos galpões, mas foi com isso que crescemos. Esse tipo de lustre. E o dia*

*em que conseguimos nos dar ao luxo de mudar esse lustre e comprar [os pingentes...] foi uma conquista, quero dizer, o símbolo com [o qual] gratificamos o grande passo a frente [que] estávamos dando.*

Enquanto a melhoria dos padrões era real, seu significado era dúbio. O lustre de cristal satisfazia, como diz Luisa Muraro em um ensaio famoso e controverso, um direito e uma necessidade para “a sensualidade e o prazer estético”.<sup>11</sup> Por outro lado, quando a família Vella finalmente o comprou, estilos mais sóbrios estavam na moda entre aqueles – incluindo intelectuais radicais – que obtinham seus prazeres sensuais e estéticos de outras fontes e não precisavam provar (em primeiro lugar, a eles próprios) que realmente não eram pobres. A excessiva dissonância dos móveis da classe trabalhadora é um equivalente do hipercorretismo lingüístico – tal como aqueles eternos cafezinhos açucarados que sempre são oferecidos durante as entrevistas. Não demorei muito a dar-me conta de que meu gosto por café sem açúcar era um luxo reservado àqueles que não precisam provar que têm condições de pagar um torrão de açúcar a mais.

O espaço privado e o espaço público: a casa e a rua

Nos mais antigos bairros da classe trabalhadora de Terni ainda se encontram pessoas sentadas nas soleiras das portas de entrada, entre a casa e a rua: os homens às vezes lendo o jornal ou conversando com os vizinhos (ou olhando para dentro, assistindo televisão); as mulheres muitas vezes costurando, tricotando ou limpando o feijão – fazendo suas tarefas de *casa em público*. Os pomares estão, muitas vezes, na frente da casa (e não no fundo) e mostram um uso de subsistência da terra, em vez de meramente ornamental. As janelas de baixo, que dão para a rua, são muito baixas, e as pessoas podem ficar apoiadas nelas conversando com as famílias que estão dentro. A transição do espaço público da rua para o espaço privado da casa é um *continuum* gradual, em vez de uma distinção brusca:

*LUCILLA GALEAZZI: Nunca senti que estava vivendo entre estranhos até que nos mudamos para um outro lugar e eu comecei a carregar a chave da casa comigo. Nunca havíamos trancado a porta, nem durante a noite. Durante o dia, a porta ficava aberta, com a chave do lado de fora. E agora eu tinha a estranha sensação da chave na minha mão, e eu não conseguia entrar em casa sem ela, pois não havia nenhuma chave do lado de fora.*

A mudança dos residentes de uma vila operária nos anos 1970 (Villagio Matteotti) para prédios de apartamentos novos e modernos gerou uma obsessão por chaves, trancas, e cercas. A antiga vila tinha sido construída durante o fascismo e expressava a ideologia

“ruralista” do regime: cada casa era uma unidade separada, com um amplo pomar e um grande porão para que cada família pudesse cultivar alimentos próprios e produzir seu próprio vinho, aliviando a pressão sobre o Estado e sobre a companhia por salários mais altos. Para uma classe trabalhadora influenciada parcialmente pela cultura rural, isso também parecia se encaixar no modo de vida tradicional. As casas, porém, eram construídas a baixo custo e estavam em estado precário quando a companhia decidiu mudar as pessoas para uma nova vila operária, que havia sido planejada por alguns dos arquitetos mais progressistas da Itália.

Os novos apartamentos, concebidos para um estilo de vida urbano, eram muito melhores do que as antigas casas, mas mais impessoais. As famílias sentiam falta das mudanças personalizadas e das melhorias que haviam conquistado durante mais de meio século. Sentiam falta, sobretudo, dos pomares e dos porões onde podiam passar o tempo, sentir o prazer da terra e se encontrar com os vizinhos e, ao mesmo tempo, serem vistos instalados em seu próprio solo.

Os arquitetos haviam providenciado espaços para socialização, mas pouco lugar entre os espaços públicos e privados. As pessoas estavam acostumadas tanto à comunicação como à distância; agora, a distância estava embutida nas próprias idéias de viver em *apartamentos*, enquanto a artificialidade visível dos espaços “sociais” se tornou mais uma ameaça do que uma compensação à privacidade. As casas antigas estavam separadas umas das outras pelos pomares; os apartamentos novos estavam tão perto que a distância precisava ser criada pelas pessoas, que se trancavam dentro de casa e ficavam longe dos lindos lugares públicos. Como em outros casos de modernização dos citados acima, o novo Villaggio Matteotti chegou – (para emprestar um conceito de Marshall Berman) – a “encarnar o paradoxo do espaço público sem vida pública”.<sup>12</sup>

A nova fronteira entre dentro e fora também gerou fronteiras a serem reajustadas no interior. Era difícil, nos apartamentos novos, preservar a tradicional distinção entre a “*sala*”, “pública” e a cozinha “privada”: “A *sala*”, dizia um trabalhador, “*é um gasto inútil para nós; a vida familiar acontece na cozinha. Fazemos todas as nossas refeições ali, e só usamos a sala se chegar uma visita. As cozinhas modernas são muito pequenas, e o trabalhador não pode se dar ao luxo de comer na sala todos os dias*”.<sup>13</sup>

Os móveis da sala, muitas vezes, são comprados somente uma vez na vida. As pessoas não podem se dar ao luxo de usá-los todos os dias – e certamente não se pode sentar na sala vestindo as roupas de trabalho. Como dizia Benjamin Franklin: “*A gente não se veste no privado como para um baile público*”. As famílias no novo Villaggio Matteotti – como a maioria das famílias presas à transição dos usos do espaço doméstico entre o rural e o urbano – pareciam sentir que essa distinção muito elementar nas suas vidas havia entrado em declínio.



## *Aquiles e a tartaruga*

Nas sociedades modernas baseadas em classes – opostas às sociedades tradicionais baseadas em castas –, a identidade e o *status* são *conquistados*, mais do que *atribuídos*, são *fluidos*, mais do que *fixos*. Permite-se aos indivíduos – e portanto se exige – que criem suas próprias identidades. Em virtude de as fronteiras de classe serem menos rígidas do que as de casta, exige-se dos indivíduos que se movimentem através delas como se não existissem fronteiras. Quanto mais a sociedade assume a aparência de um *continuum* e não de uma *distinção*, maior é a diferença entre a mobilidade social como norma e sua disponibilidade na prática. Essa contradição incide sobre as consciências individuais e busca-se ansiosamente supercompensá-la por meio de práticas culturais – da linguagem à mobília, da música ao uso do espaço urbano e das metáforas espaciais da estrutura social.

Para cada fronteira que é ofuscada ou aplainada, aparecem novas, ou as antigas são reavivadas; para cada nova fronteira que corta um antigo *continuum*, uma distinção é eliminada em outra parte. Mas as regras que regulam as novas fronteiras que dividem o mundo são mais ilusórias do que as antigas. Elas são feitas e refeitas em outra parte, e mudam demasiadamente rápido para as pessoas poderem acompanhar. A mobilidade social e a mudança cultural, então, não deveriam ser vistas como um processo de transição de uma identidade para outra, mas como uma condição permanente. As pessoas da classe trabalhadora correm em direção à adaptação e à assimilação, assim como Aquiles corria contra a tartaruga mítica: não importa a rapidez com que correm, nunca conseguem alcançar. Como dizia aquela frase ubíqua dos *blues*, ficam tropeçando, mas não têm lugar nenhum onde cair.

*Tradução autorizada em maio de 2003*

## *Notas*

\* Apresentado no Fourth International Oral History Colloquium (Quarto Colóquio Internacional de História Oral), Aix-en-Provence (França), setembro de 1982. Traduzido como “Geteilte Welt. Laute und Raume in Kulturellen Ubergang”. In: NIETHAMMER, L. e VON PLATO, A. (eds.) “Wir kriegen jetzt andere Zeiten”. *Auf der Suche nach der Ehrfahrung der Volkes in Nachfaschistischen Ländern*, Verlag J. H. Dietz Nachf, Berlin-Bonn 1985, banda 3, 220-231. Publicado em PORTELLI, Alessandro. *The death of luigi trastulli and other stories. Form and meaning in oral history*. New York, State University of New York Press, 1991, pp. 81- 98.

\*\* Professor na Universidade Sapienza, em Roma.

\*\*\* Tradutoras: Helen Hughes e Yara Khoury, professora do Departamento de História PUC-SP.

<sup>1</sup> JAKOBSON, Roman e HALLE, Morris. *Fundamentals of language*. Den Haag, Mouton, 1956, p. 17; BARTHES, Roland. "Elements of semiology". In: *Writing degree zero and elements of semiology*. Trad. Annette Lavers e Colin Smith. Londres, Jonathan Cape, 1964, pp. 118-120 [*Éléments de sémiologie*. Paris, Seuil, 1964].

<sup>2</sup> MARINI, Giovanna, folheto que acompanha o disco *La Valnerina Ternana. Un'esperanza di ricerca-intervento*, PAPARELLI, Valentino e PORTELLI, Alessandro (ed.) (Milão, Dischi del Sole DS 532-34).

<sup>3</sup> GIANNATTASIO, Francesco. *L'organetto. Uno strumento contadino dell'era industriale*. Roma, Bulzoni, 1979; Marini, notas sobre o disco *La Valnerina Ternana*.

<sup>4</sup> A análise que se segue deve muito às conversas com Giorgio Cardona, professor de Linguística na Universidade de Roma, que também me ajudou a formular minhas idéias em termos menos impressionistas. Embora a responsabilidade seja minha, o que segue é um testemunho da amizade e do apoio de um ilustre acadêmico e um maravilhoso professor, cuja morte súbita, exatamente na época em que eu estava fazendo a revisão deste ensaio, foi uma perda significativa para todos aqueles que acreditam que a democracia progressiva e os padrões avançados de conhecimento são mutuamente necessários.

<sup>5</sup> MAURIZI, Oscar. "Per la proprietà del dire". *Gioventù ternana*, janeiro, 1943.

<sup>6</sup> O que não exclui, é claro, a ocorrência de formas "corretas": no nosso caso, por exemplo, *lamentare* e *quantre* (linhas 4 e 7). Pode ser coincidência, mas provavelmente é sintomático que essas formas "corretas" contenham o /nt/ grupo, e a mesma forma das "reconhecidas como corretas". Não há ocorrências, neste texto, de nasal + conjuntos de pausas não verbalizadas corretos [ex.: *nd*].

<sup>7</sup> CANEPARI, Luciano. *Introduzione alla fonetica*. Torino, Einaudi, 1979, p. 13.

<sup>8</sup> O termo propriedade é seguido de seu duplo sentido em inglês, entre parênteses – (*propriety*) e (*property*) – porque em português pode ter o mesmo duplo sentido, como no italiano (N.T.).

<sup>9</sup> Para uma análise geral desse processo, ver MORANDI, Bruno. *La carriera, una divinità in declino. il Manifesto*, 7 de janeiro de 1982; id., "Partiti, partiti operai, gruppi della nuova sinistra, sindacato". *il Manifesto*, 8 de maio de 1980.

<sup>10</sup> HOGGART, Richard. *The uses of literacy*. Harmondsworth, Middlesex, U.K., Pelican Books, 1973 [1957], p. 149.

<sup>11</sup> MURARO, Luisa. *L'infamia originaria*. Milão, L'erba voglio, 1977, p. 89. "Quando proletários ocupam uma casa e a decoram com móveis de estilo colonial e lustres de cristal, eles estão obedecendo a uma carência ou necessidade burguesa ou expressando – de uma maneira distorcida, desviada [e] imaginária – um direito a e um interesse em sensualidade e prazer estético?".

<sup>12</sup> BERMAN, Marshall. *All that is solid melts into air. The experience of modernity*. Londres, Verso, 1983; Nova York, Simon and Schuster, 1982, p. 189, descrevendo São Petersburgo na Rússia.

<sup>13</sup> Essa entrevista com um metalúrgico não identificado do Villaggio Matteotti é uma das várias publicadas, junto com um relato do planejamento e da instalação da nova vila operária, na revista de arquitetura *Casabella*, 421 (janeiro 1977), pp. 11-35.